

Para Juan Carlos Garavaglia
Da colega e amiga Wilma Peres Costa

É muito difícil despedir-se de um amigo. Os rituais da despedida, necessários como sejam para nos permitir lidar com a nossa própria finitude, exigem tratar da tristeza, da dor provocada pela falta daquele que não mais veremos, a quem não mais poderemos procurar para compartilhar ideias, pensamentos, afetos.

Entretanto, por mais confusos que sejam os sentimentos causados pelo desaparecimento repentino de Juan Carlos Garavaglia, em janeiro de 2017, sentimentos que vão da surpresa e da incredulidade à dor mais profunda, percebo que é impossível pensar no meu querido amigo com tristeza.

Gara foi uma pessoa completamente vocacionada para a alegria, uma pessoa destinada a jamais envelhecer.

As vezes penso que, como muitos rapazes que continuam a parecer jovens na idade adulta, ele tenha cultivado grandes bigodes para ocultar um pouco o riso sempre maroto, que traía sua perene juventude.

O intuito de nada adiantava, entretanto, por que os olhos sorriam antes, traíndo o esforço de parecer severo e antecipando o riso aberto.

Vivendo boa parte da vida na Europa, onde desenvolveu uma carreira brilhante de historiador, frequentando todos os campos desse nosso ofício, ele foi sempre um consumidor ávido da erudição acadêmica, para a qual tanto contribuiu quanto dela desfrutou. Mas foi também sempre um crítico ácido dessa disciplina forçada dos afetos que faz do nosso mundo universitário um lugar avesso às expansões, ao toque físico e aos transbordamentos de todo tipo.

Outros momentos haverá para prestar homenagem ao seu valor como um dos historiadores mais importantes da sua geração e para discutir e preservar seu trabalho.

Agora, ainda muito tocada pela dor, gostaria de lembrar essa rebeldia, que o fazia sempre insistir no “tu” no lugar do “vós”, nas rígidas convenções da sociabilidade francesa, que fazia dele um camarada de seus orientandos e alunos e um amigo que gostava de se relacionar com os outros olhando nos olhos e que tinha os braços sempre prontos para o abraço ou para apoiar os amigos nas caminhadas pelas calçadas de Paris.

A última vez que nos encontramos, nas mágicas jornadas de Santa Fé sobre a Guerra do Paraguai, em 2015, ficaram para mim marcadas pela impressionante visão do Rio Paraná, visão apaixonante e tão representativa por ser um rio também nosso, também brasileiro, como tantas coisas que temos juntos, os argentinos e nós e tantas vezes não nos damos conta.

Fiquei completamente fascinada por um poema que estava escrito na parede de pedra do Hotel em que nos hospedamos, onde também estavam Raúl Fradkin e Jorge Gelman, e que me apresentaram como sendo de Juan L. Ortiz. Desde então, o poema, o Rio Paraná, Juan Carlos e meus queridos amigos Jorge e Raúl passaram a compor uma única imagem, imagem agora envolta na saudade.

Eu o reproduzo aqui, para compartilhar com outros amigos que amaram Juan Carlos e que o terão sempre no coração,

Fui al río...

Juan L. Ortiz

Fui al río, y lo sentía
cerca de mí, enfrente de mí.
Las ramas tenían voces
que no llegaban hasta mí.
La corriente decía
cosas que no entendía.
Me angustiaba casi.
Quería comprenderlo,
sentir qué decía el cielo vago y pálido en él
con sus primeras sílabas alargadas,
pero no podía.

Regresaba
—¿Era yo el que regresaba?—
en la angustia vaga
de sentirme solo entre las cosas últimas y secretas.
De pronto sentí el río en mí,
corría en mí
con sus orillas trémulas de señas,
con sus hondos reflejos apenas estrellados.
Corría el río en mí con sus ramajes.
Era yo un río en el anochecer,
y suspiraban en mí los árboles,
y el sendero y las hierbas se apagaban en mí.
Me atravesaba un río, me atravesaba un río!

Concluo, com duas outras pequenas lembranças poéticas, da língua portuguesa, que também falam de águas que refletem nossos sentimentos e podem às vezes traduzi-los melhor do que palavras.

O Rio

Manuel Bandeira

Ser como o rio que deflui
Silencioso dentro da noite.
Não temer as trevas da noite.
Se há estrelas nos céus, refleti-las.
E se os céus se pejam de nuvens,
Como o rio as nuvens são água,
Refleti-las também sem mágoa
Nas profundidades tranquilas.

PARA SER GRANDE, SÊ INTEIRO

Fernando Pessoa (Ricardo Reis)

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.

Juan Carlos Garavaglia foi grande, foi inteiro. Saudades eternas. Obrigada por ter me honrado com sua amizade.